

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL

ANA PAULA OGLIARI CASAGRANDE¹; MATEUS ARMAS²; JOSIAS PEREIRA³

¹UFPEL – anaogliaric@gmail.com

²UFPEL – mateusarmas@gmail.com

³UFPEL – josiasufpel@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente resumo tem por principal objetivo explicitar os resultados obtidos pela atual formatação de atuação do projeto de extensão componente do curso de cinema e audiovisual, de alcunha Produção de Vídeo Estudantil, que estima, sucintamente, o que se descreve em seu título. Sua atuação se dá em algumas cidades do estado e procura englobar todas as áreas que compõem a feitura de um vídeo, formatadas de forma simples para a aplicação de tal em escolas de qualquer nível e para alunos de qualquer faixa etária, desde a educação infantil até anos finais.

Pensado de forma processual, a primeira etapa visa capacitar os professores de qualquer área interessados nas competências: roteiro, gravação, produção, direção e edição por meio de oficinas presenciais e a distância. Os professores então capacitados repassam as informações para suas turmas que produzem enfim os vídeo com temas livres. Como uma forma de prolongar a vida dessas produções e mais ainda envolver a comunidade, é proposto a realização de um festival competitivo.

O processo do festival está como uma forma de utilização do cinema enquanto elemento de encantamento que cativa os jovens para um uso efetivo da tecnologia dentro da sala de aula em favor de uma atividade de fim pedagógico e multidisciplinar, que dessa forma proporciona protagonismo para alunos de diferentes habilidades e inteligências.

Até o dado momento o festival, funciona de forma sistemática, anualmente nas cidades de Capão do Leão, São Lourenço e Rio Grande, com apoio direto do projeto e apoia a realização nas cidades de São Leopoldo, Guaíba e Irani. O canal no YouTube do projeto, conta hoje com 21 mil inscritos e 12 milhões de acessos entre Web series e videoaulas em diferentes formatos voltadas para aluno e professor em diferentes enfoques e linguagens empregadas.

2. DESENVOLVIMENTO

A capacitação é proposta por meio de oficinas teórico-práticas pensadas para os professores, em uma intenção de prolongamento das ações, em grande aproximação com as Secretarias de Educação e suas articuladoras que intermediam a proposta nas escolas da rede ao apresentar e viabilizam os encontros para formação. Pela distância geográfica, notou-se a necessidade de produção de material de vídeos educativos sobre o tema em diferentes linguagens para um melhor rendimento, todo o acervo disponível no canal do *Youtube* do projeto por ser um suporte com o qual os alunos possuem grande intimidade. Ainda sobre os professores o foco das ações é muito mais sobre as ações pedagógicas efetivamente do que informações técnicas pelo conhecimento de ser o maior problema de implementação também por, muitas vezes, o projeto ser protagonizado pelos estudantes na totalidade, necessitando apenas do estímulo e referencial.

O cinema é redimensionado para vídeo e as grandiosas câmeras para celulares, tudo na intenção de maior democratização de todos aspectos sem perda dos atrativos da proposta, e não somente. O projeto, ao mesmo tempo, dá conta de um grande gargalo da educação atual: a utilização da tecnologia de forma efetiva enquanto suporte para pedagogias alternativas.

3. RESULTADOS

Relataremos uma das ações ocorridas no ano de 2016, quando a Universidade Federal de Pelotas por meio do projeto de extensão “Produção de vídeo escolar” e do coordenador de tal Josias Pereira, propôs à secretaria de educação (SMED) de Capão do Leão realizar o festival de vídeo estudantil na cidade. A secretaria de educação da época, Suellen Cunha, indicou a professora Izabel Cristina para ser a responsável por organizar o Festival com o apoio do projeto de extensão. Com o acordo, foi dimensionada a capacitação docente que envolveu 15 professores e resultou em 23 vídeos de seis escolas diferentes. O projeto teve duração de 10 meses entre oficinas e a cerimônia de premiação, com grande envolvimento e interesse.

Os vídeos resultantes, para além de quesitos técnicos (o que raramente é relevante) foram admiráveis pelas temáticas abordadas. Muitos discutiam questões de gênero, orientação sexual e violência. Tudo isso reflete a convicção

de que o jovem quando tem para si o suporte adequado faz o uso relevante, como representar o meio que o cerca de forma crítica.

Para além desse fator, está a catarse proporcionada pela produção do vídeo em si mesmo, pela emancipação em relação a hierarquia e pragmatismo comum da sala de aula, como refletido nos depoimentos de Cristiane Ferreira e Lauanda Furtado:

“A diferença é que na sala de aula temos que seguir as regras dos professores e com o vídeo são as nossas regras nosso tempo. E ficou muito bom, na escola os professores que mandam aqui somos nós”

“Dentro da sala de aula as ideias não são nossas, nesse projeto sim são nossas ideias, é a nossa cara, somos nós”

4. AVALIAÇÃO

Com um dos reflexos do processo de globalização, um celular que possibilita minimamente captar imagens, seja no formato de foto ou vídeo, é um item básico para a maioria da população e junto (e devido) a isso as redes sociais mais populares como o Instagram, Facebook, Snapchat, e as que precederam essas, tem em si integrada tal ferramenta. Tais fatos podem ser considerados decisivos para a reverberação de discussões importantes socialmente e de transformação também de alguns paradigmas anteriormente postos, como por exemplo, tornar trivial a produção de vídeos narrativos ou não por qualquer pessoa em qualquer condição, e essas condições também são principalmente responsáveis pelo estímulo ao sujeito para transmissão e exposição de suas próprias histórias, criações e posicionamentos.” Que o anônimo seja não só capaz de tornar-se arte, mas também depositário de uma beleza específica, é algo que caracteriza propriamente o regime estético das artes”. (RANCIÈRE, Jacques, 2014. p. 47)

Uma vez que a produção é modificada o consumo por sua vez também é, com isso novos formatos de tela e de narrativas são postos como norma e, portanto, naturalizados pelo público consumidor; tais relações afrontam a ideia, antes tida como definitiva, de um sistema natural de leitura de imagem e de uma determinada estética inquestionável, e finalmente, resulta em consideráveis alterações na composição das que seguem. Esse panorama define um campo propício para inúmeras inovações no campo da direção, sobretudo a inclusão de pessoas não necessariamente do ramo do cinema, mas que conseguem

encontrar nele uma ferramenta de expressão e até de denúncia, como observa a autora ao afirmar que a cultura na qual estamos inseridos é audiovisual.

A cultura contemporânea é audiovisual não tanto pela abundância e heterogeneidade de vídeos em circulação, mas pela oportunidade que as máquinas de vídeo oferecem a qualquer usuário médio de participar da experiência audiovisual, de protagonizar cenas da cultura [...]. (KILPP, Suzana, 2010. p. 24)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, A. R. ROSÁRIO, N. KILPP, S (Orgs.). **Audiovisualidades da cultura**. Porto Alegre: Entremeios, 2010. 1v.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org. Editora 34, 2005.